

CAPÍTULO VII

Atos retóricos: do medo e da confiança¹

Deixar-se ver pelo discurso é uma forma de exercitar, pelo ato retórico, uma impressão sobre o mundo. A exposição do *ethos*², pois, é a representação intencional de um orador para atingir propósitos argumentativos bem definidos no ato da *inventio*. Nesse sentido, o orador conforma-se, ou não, ao *habitus* da sociedade em que vive seu auditório com o propósito de movê-lo, quer pela exaltação da razão – faculdade humana constitutiva de “verdades” no discurso – quer pela fecundidade imensurável de paixões que podem ser mobilizadas em um ato retórico (*actio*). De modo definitivo, então, em retórica, um homem é pelo que deixa transparecer em seu discurso.

Para bem além da demonstração de um fato ou ideia, revelar-se pelo discurso implica, também, enfrentar situações polêmicas, afiançar virtudes que realcem a honestidade, a benevolência, a equidade, a amabilidade, a solidariedade com o auditório e, em muitas situações de ação retórica, obnubilar os próprios medos, veículos poderosos de realces discursivos das debilidades de qualquer espécie. Um ato retórico, por sua vez, requer eficácia: a meta do orador na dialética do mostrar-se e do apagar-se no dia a dia ou em situações solenes. A fim de estabelecer acordos humanizados que possibilitem não apenas fazer saber, mas, sobretudo, fazer crer para fazer fazer, o orador precisa valer-se da argumentatividade inerente à linguagem e, sobretudo, da potencialidade retórica para comover, ensinar ou agradar um auditório.

Para atingir seu objetivo, pode articular o discurso em bases estritamente racionais. Como, porém, nenhum movimento retórico é destituído de paixões (*pathos*) – o conglomerado emocional que guia a conduta humana e “impulsiona o homem para o agir” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1105b, 22-24, 1979) –, o ato retórico pode ser visto como um potencializador da ação (*praxis*) do auditório. Se assim é, revela, sim, o orador, mas, por outro lado, sobreleva

.....
1 Este capítulo foi originalmente publicado: FERREIRA, Luiz Antonio. Atos retóricos: do medo e da confiança. In: FIGUEIREDO, Maria Flávia; VIDAL, Gerardo Ramírez; FERREIRA, Luiz Antonio (orgs.). **Paixões aristotélicas**. Franca: Unifran, 2017, p. 66-84.

2 Optamos pela grafia e acentuação dos termos gregos utilizados dentro da Língua Portuguesa. Mantivemos o itálico e eliminamos todos os diacríticos de acentuação, uma vez que a acentuação do grego não obedece aos mesmos critérios da Língua Portuguesa; excetuamos os nomes próprios. (Nota das revisoras)

as disposições dos ouvintes e a força argumentativa do discurso proferido. A missão do orador, nesse sentido, é impregnar o auditório de paixões, de sensações diferentes ligadas às nuances infindáveis de intensidade da dor ou do prazer.

De forma menos ou mais intensa, as paixões transmitidas pelo discurso concentram em si conceitos intimamente relacionados à moralidade ou à imoralidade, à virtude ou ao vício, ao prazer ou à rejeição, à conveniência ou à inconveniência e, por mais racional que aparente ser a superfície discursiva, a potencialidade retórica pode deixar no auditório sensações de cólera, calma, amor, ódio, temor, confiança, favor (agradecimento), compaixão, indignação, inveja, emulação, desprezo (ARISTÓTELES, *Retórica*, Livro II, cap. I ao XI, 2015), desejo e alegria (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1105b, 22-24, 1979). Quando as paixões gritam no interior de alguém, um orador pode, pela boa articulação do ato retórico, não apenas ensinar, agradar ou comover com menor ou maior intensidade, mas também acentuar no auditório o aspecto passional de um evento do existir, pois, como afirma Meyer, a paixão “é um estado de alma móvel, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido, uma representação sensível do outro, uma reação à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata” (MEYER, 2000, p. XXXIX).

Essa percepção do efeito e do movimento das paixões no auditório já estava presente nas reflexões de Aristóteles. Em *Ética a Nicômaco* afirma: “toda nossa investigação deve ter em vista o prazer e o sofrimento, pois para o nosso bem ou para o nosso mal o fato de nos deleitarmos ou sofreremos tem uma influência nada pequena em nossas vidas” (ARISTÓTELES, II, 1105 a 3, 5, 1979).

Hoje, os homens continuam violentos como sempre foram, defendem seus princípios com igual força, formam exércitos mercenários, criam guerras desatinadas, exercem a crueldade em embates locais e, como sempre, ameaçam a integridade humana. Adoram, muitos e muitos, a manutenção da força semântica contida em “olho por olho, dente por dente”. Vivemos em meio à industrialização da guerra e, com ela, desafiamos nossa coragem e exercitamos os limites do medo contemporâneo: bombas nucleares e armas químicas são exemplos bem claros dessa aura passional que envolve o ser e estar no mundo (FERREIRA, 2012). No dizer de Giddens (1984), vivemos numa sociedade de risco, num mundo em que os perigos estão sendo criados por nós mesmos. Assim, tememos o risco ecológico, a catástrofe nuclear e a derrocada da economia global, talvez porque conheçamos o homem e sua força para imprimir aos discursos as suas opiniões imediatas, revestidas de uma aura de “verdade”. Esses caminhos da contemporaneidade causam prazer para alguns poucos e sofrimentos para muitos. Nesse sentido, as paixões se amplificam e o discurso cria monstros reais ou verossímeis.

Ressaltaremos, nas linhas a seguir, duas dessas paixões elencadas pelo estagirita para discutir as dimensões do medo e da coragem como fenômenos insuflados pelo discurso, em um determinado contexto social, por meio de força argumentativa encantatória e pela criação hiperbólica de alicerces de credibilidade:

O Medo que Vem de Dentro

Biologicamente, o medo é sempre o mesmo. As formas de levá-lo aos homens, porém, podem ser categorizadas. Primeiramente, há um medo anterior ao discurso, idiossincrático, que nasce como produto da imaginação e reside na essência humana. Alguns temem a morte; outros, as baratas. Para quem tem medo, suco de amora é sangue porque o medo é o pai da invenção, o irmão gêmeo do risco, e, ancorado em impressões subjetivas, excita a memória, instaura uma verdade que pode fazer desmaiar pessoas, pois conta com o seu agir criativo para fazer com que se vivencie, de formas muito diversas e com diferentes intensidades, uma espécie de “verdade” aterrorizadora. Diante do objeto do medo, as ideias de causa, consequência, fato real ou fictício oscilam momentaneamente e revelam metáforas do existir, normalmente traduzidas em excentricidades singularmente humanas e particularmente subjetivas. Por isso, fobias de qualquer espécie são amplamente estudadas pela Psicologia, Psicanálise e outras ciências preocupadas com a constituição da mente e seus poderes.

O fato é que o homem, amedrontado, na caverna de suas paixões, toma a aparência pelo real e vive realisticamente as ilusões, sempre mais fortes do que a realidade intelectual. O medo, para o homem, é comumente carregado de um arrebatamento violento e perturbador (*hexeis*) que, da Antiguidade à Idade Moderna, foi considerado como um dos diferentes tipos de movimentos experimentados na alma e no corpo, ligado, portanto, às emoções e aos afetos. Quando assim visto, o temor não passa pela mediação do discurso, embora possa ser ponderado por meio de reflexões posteriores sobre as causas que o geraram.

No capítulo V do livro II de *Retórica* (2015), Aristóteles reflete sobre o temor e a confiança. Inicia com perguntas bem expressivas e simples: “Quais as causas do medo? Quem tememos e em que estado de espírito sentimos medo?”. Na visão aristotélica, o medo consiste “numa situação aflitiva ou numa perturbação causada pela representação de um mal iminente, ruinoso ou penoso” (ARISTÓTELES, *Retórica*, II, V, 1, 2015). Dois termos chamam a atenção nessa fala: o medo é “representação” e acontece em nós quando um mal muito próximo pode nos causar mágoas profundas e destruição e, por isso, como afirma o estagirita, não nos amedrontamos diante de qualquer “mal”. Como humanos, então, representamos bastante bem essa inquietação da alma

e ela nos faz temer “as pessoas capazes de causar dano; os males de que somos ameaçados, as circunstâncias a que nos julgamos expostos” (ARISTÓTELES, *Retórica*, II, V, 110, 2015). A ameaça, pois, é fator intrínseco ao nascimento do medo que, por sua vez, causa tristeza e dor.

À segunda pergunta, Aristóteles responde que não devemos estar à mercê de outrem, pois o ódio e a ira dos que nos podem causar mal são temerários. Devemos temer os injustos, pois agem deliberadamente, assim como os que sabem nossos segredos, os que se julgam injustiçados, nossos inimigos e adversários podem querer vingar-se. Relaciona, ainda, outras pessoas a quem devemos temer: os melífluos, dissimulados, velhacos e os que são temidos por outros mais poderosos que nós. Num outro plano, afirma que são temíveis todas as coisas que acontecem ou estão para acontecer aos outros e que são suscetíveis de provocar compaixão. É interessante observar que, nesse sentido, o temor não é apenas associado à falta de coragem, mas, também, à compaixão. Enfim, por mais que sejamos racionais, vemos o mundo apaixonadamente e, por isso, a despeito dos discursos do mundo, acionamos em nós um medo primeiro, adâmico, que pode ser considerado como categoria ontológica e psicológica do ser humano. É esse medo que se encontra na essência, produto da figurativização que fazemos do mundo, que faz nosso corpo dar sinais claros de alteração nervosa, menos ou mais intensa, de acordo com os contornos criativos de nossa mente. Esse medo primeiro, que nos põe na face do abismo – reforçemos – prescinde do discurso. Simplesmente é. E não deixa dúvidas quanto à sua existência. Não se contrapõe à bravura, não se deixa abalar pelos ditames sociais que o categorizam como a antítese da coragem e encaminham toda a educação para o enfrentamento.

Esse medo inominável não nos oferece a lógica do preferível, do aceitável, do razoável. Simplesmente refuta o que há de sábio em nós e se aninha, como um feitor autoritário, dentro do invólucro que chamamos de corpo e que, apesar de toda a ciência, pouco dominamos. Para estancar esse medo, a mediania possível é a esperança, pois o temor, por mais terrível que seja, admite, em situações aflitivas, possibilidades de ponderação esperançosa de sucesso, como afirma Aristóteles (*Retórica*, II, V, 2015), ao pensar sobre os efeitos do medo em nós: tememos, necessariamente, quando nos sentimos expostos, mas, ressalta: para que sintamos temor é preciso que subsista em nós alguma esperança de nos safarmos da ameaça que nos inquieta, uma vez que em situações desesperadoras não deliberamos. O medo, por sua vez, seja pavor ou fobia, ainda nos permite ponderar, ter esperança, um pouco de confiança. E essa talvez seja a única arma que nos preserva da entrega total e irremediável ao desespero extremado.

O Medo que Vem de Fora

Se, naturalmente, sentimos medo, há, por outro lado, formas de agir, pela aparência, no âmbito das pessoas por meio de artifícios retóricos. Aristóteles, ainda no livro V, nos fala dos efeitos discursivos do temor no auditório: quando for vantajoso para a nossa causa excitar o temor nos ouvintes, convirá levá-los a acreditar que estão ameaçados de sofrer, pois outros mais poderosos que eles também sofreram, assim como nossos iguais quando se achavam resguardados (ARISTÓTELES, *Retórica* V, III, 15, 2015).

Há, então, uma categoria de medo que se ampara nos intrincados caminhos do discurso para consolidar, de fora para dentro do homem, uma postura amedrontada diante do existir. O propósito de discursos dessa natureza é, de modo poderoso e rapidíssimo, suspender, desarmar e desorientar a razão. Emoldura-se como um medo ousado, que, como *pathos*, retira de nós o crivo do ridículo, exacerba a inibição, afugenta a naturalidade e, sem antídoto imediato, instaura o horror. Nunca está no que conhecemos por zona de conforto e sempre atua nas entranhas humanas.

Comumente, quando a normalidade e a segurança se acomodam nos intervalos retóricos, um problema, de qualquer natureza, acelera os domínios do discurso, e um orador muito cômico de sua missão esforça-se por colocar o homem apaziguado diante de um precipício. Vestido de palavras, aforismos, provérbios, louvores, alegorias, longas narrações, notícias, comentários isolados, opiniões presentes nas redes sociais e em textos diversos, de qualquer tipologia ou gênero textual discursivo, o temor atinge auditórios particulares, universais, virtuais ou reais, por meio de argumentações muito elaboradas e é apresentado discursivamente como o fio da navalha. Por ser articulado previamente, nasce no parto de uma situação problemática e se fortalece do exterior para o interior com o intuito nítido de alterar os afetos para atingir, muito depois (se atingir), a razão.

O medo, então, escolhe o auditório e conduz decisões históricas, cria modelos, valores e, quando certo, consegue convulsionar os afetos. Mostra-se nitidamente quando se vale da retórica para provocar o “encontro entre os homens e a linguagem na exposição das suas diferenças e das suas identidades” (MEYER, 1994, p. 41). O temor retórico atua nas diferenças. Deliberado, trabalha persuasivamente em graus diversos nos movimentos da alma e revela-se como fenômeno que cria arestas tão intensas, traduzidas nas virtudes ou nas limitações do verbal, em gradações que podem ir de uma contornável ansiedade até graus insuportáveis de temor, considerados modernamente como patológicos. Nesse sentido, o medo que vem de fora é mesmo “a hora do corvo bicando em nós”, o momento em que a razão se vê desarmada e frágil. Em nossos dias, Zygmunt Bauman (2008), numa tentativa de traduzi-lo em palavras, conceitua-o como

o nome que atribuímos às nossas dúvidas, à nossa falta de compreensão da ameaça que nos atinge e do que deve ser tomado em relação a ela, para fazê-la parar ou enfrentá-la. O conceito de Bauman (2008), como vemos, justifica-se em termos cognitivos, embora, como Freud (1986), procure deixar claro que se enraíza no inconsciente e não em formas racionais de ação.

O Medo como Produto da *Inventio* e Realização na *Actio*

Tomemos, por princípio, que um ato retórico se sustenta em raciocínios apodíticos, dialéticos ou sofisticos e objetiva mover o outro para, por meio de um gênero adequado, estabelecer acordos, amenizar ou recrudescer paixões, provar logicamente um princípio argumentativo para, enfim, fazer crer e alterar eficazmente o comportamento de um auditório. A mola que sustenta o dizer, portanto, encontra-se na *inventio*, a parte do sistema retórico que leva em conta que persuadir ou convencer requer acurada análise da natureza do outro, a fim de que na *actio* – instante de realce do *ethos* – o auditório sinta no discurso a força representativa de um modo de ser social, revire-se em si mesmo para reconhecer que se encontra impregnado de conceitos advindos do discurso dominante ou instituinte, reconheça-se imerso em um intensivo roteiro de aprendizagens que molda exteriormente um indivíduo. Sim, o auditório, seja qual for, é a representação de um grupo humanizado, imerso em impressões que vêm no discurso, pelo discurso e para o discurso com o objetivo de recrudescer e condicionar atitudes, comportamentos e até gostos de cada um e de todos. O auditório, por mais favorável ou relutante que seja, configura-se inicialmente pelo *habitus*, que representa o lado exterior do comportamento do auditório, que é parte de uma outra face da *essentia*, termo latino que indica “central, básico, ato de ser” e se relaciona com um verbo fundamental para o existir: esse (ser, estar). Em perfeita consonância, então, *habitus* e *essentia* coexistem no momento de propagação e recepção de um ato retórico e, ainda que de forma tácita, revelam ideologias, princípios religiosos, filosóficos e existenciais que exacerbam paixões de toda espécie. Ao conjugar, pela análise da força desses dois fatores em um determinado auditório, um orador pode insuflar paixões, dentre elas o temor e a confiança.

Essência (do termo latino *essentia*) refere-se às propriedades imutáveis do ser. No português da contemporaneidade, significa âmago, conjunto de características que conferem identidade a uma pessoa. O oposto da essência encontra-se nos acidentes, as propriedades mutáveis de algo ou alguém, justamente o espaço em que pode mais fortemente agir um ato retórico. Consideremos, por conseguinte, que existe, pela natureza das relações em sociedade, uma tensa relação entre *essentia* e *habitus*:

há uma parte do ser que se define como “si mesmo”, mas mescla os modos de ser e de conhecer-se por influência inevitável da coexistência com uma outra parte, denominada “ser social”, que precisa harmonizar seu existir com as pressões advindas do aprender a ser na comunidade. Grosso modo, no borbulhar cotidiano das relações sociais, a tensa sensibilidade é a rede invisível que sustenta o estar no mundo e, nesse caso, representa os “acidentes”. O ato retórico constitui, assim, o novelo de uma rede trançada pelos fios da essência e da aparência em busca de harmonia ou desarmonia interna de um ser consigo mesmo e com o outro. Por isso, as relações sociais transitivas que oscilam, no decorrer do tempo, entre junção, separação e transformação de seres e de discursos sociais são fundamentais para sustentar argumentos que propaguem passionalidade social. Entre a essência e a aparência, entre o *habitus* e a tensividade natural do existir residem as forças de inúmeras paixões e a potencialidade dos argumentos que as propagam.

Hoje, por exemplo, as facetas do ajustar-se à contemporaneidade e suas ideias de bem-estar ou mal-estar transfiguram-se na paixão do medo quando, por exemplo, nos inquietamos enormemente com o resultado da dieta que fazemos, dos remédios que tomamos, das reações dos que nos são próximos. Como arma de amplificação do mundo contemporâneo, o medo está sempre rondando o cotidiano, e os “acidentes” externos alteram nosso comportamento e se traduzem em palavras como perigoso, arriscado, duvidoso, inseguro, temerário, grave, crise, tormento, aflição, doentio e tantas outras. Desde sempre, por exemplo, o homem temeu aos movimentos da natureza externa (más colheitas, pragas, enchentes), mas, em nossos dias, como afirma Giddens (1984), passamos a nos inquietar bem menos com aquilo que a natureza pode fazer conosco para atemorizarmo-nos bem mais com o que podemos fazer com a natureza. A tensão existencial é constante, mas os hábitos mudam de rumo e de lugares retóricos.

Um ato retórico, como se percebe, seja qual for o contexto em que atue, acentua, pelo discurso, as fragilidades e as potências sociais, realça os valores de verdade ou falsidade, de segredo e de mentira e revela-se vigoroso pela construção do verossímil. Em busca da adesão, de eficácia discursiva, enreda-se num complexo movimento de persuasão, desvela-se ou procura esconder os mecanismos de sedução, de provocação, intimidação, afagos sinceros ou mentirosos, justamente porque atua numa zona discursiva que engloba o saber, o poder e o fazer dos homens numa proporcionalidade direta ao grau de credibilidade do orador. Ressalte-se, então, enfaticamente que, em qualquer lugar da escala entre o poder e o saber, o crer e o fazer social, reside o discurso, com seus tentáculos argumentativos e a força controladora de um bom orador. Em resumo, imersos num universo passional inevitável, muitos oradores, hoje e em todos os tempos, com conhecimento de causa ou prazer de invencionice, tornam-se especialistas na promulgação de sensações diferenciadas.

A Coragem como Produto da *Inventio* e Realização na *Actio*

Dentre todas as paixões, há uma quase inescandível: o medo, que oferece várias facetas dignas de estudo, assim como seu oposto mais comum, a coragem que, quando vista sob um ângulo positivo ou aparentemente neutro, se traduz em vocábulos como confiança, determinação, audácia, firmeza, força, tenacidade, termos que procuram ressaltar a hombridade, a grandeza, o brio e a dignidade. Quando, porém, o orador imprime aspectos negativos do comportamento humano a um outro ser no ato retórico, a coragem se revela bem menos agradável em vocábulos como atrevimento, descaramento, insolência, petulância, desfaçatez, ousadia e desplante. A intensidade do impacto retórico que causa medo ou coragem, então, possui referência direta com a escolha dos vocábulos e das provas intrínsecas e extrínsecas na *inventio*, com o esmero de construção das frases na *dispositio* e com a qualidade da *elocutio* para que, na *actio*, momento em que toda a construção retórica se consuma em busca da eficácia, a paixão que se pretende incutir no auditório influencie definitivamente a memória e o coração dos ouvintes.

Aristóteles não trata da questão da intensidade do medo e da confiança. Nós, como ele, normalmente pensamos nessas paixões de modo bastante generalizado. Essas paixões, contudo, podem nos atingir em diversos graus numa dependência direta do contexto em que nos encontramos. Assim, inquietação, ansiedade, fraqueza, timidez, sobressalto, pânico, assombro, estremecimento, pânico, pavor, fobia, horror e covardia são formas do medo que se infiltram na vida e no discurso para nos ajudar a manter a sanidade ou a perdê-la, uma vez que o medo, seja ele qual for, é verossímil. É também persuasivo. A confiança, por sua vez, possui graus que imprimem menor ou maior arrojo às ações humanas.

A Cultura do Medo e da Confiança

Cientes dessa propriedade medida em graus, muitos oradores dela se valem para potencializar o temor por meio de artifícios retóricos. Utilizadores anônimos das redes sociais, por exemplo, valem-se da retórica para, pelo apagamento do sujeito, criar monstros noticiosos apavorantes. Nesse caso, o uso da palavra atinge um universo complexo em que o *ethos* deixa de ser simplesmente a propriedade de um orador para abranger um domínio outro que, em nível global, faz ecoar, fortemente, a dimensão de uma voz fantasmagórica ou de muitas vozes traduzidas simplesmente em “dizem que...” e atingem um auditório desarmado e crédulo. Do mesmo modo, um “Você pode” é capaz de insuflar ânimos.

Nesse sentido, o temor pode ser capturado e amplificado no plano da *doxa*. Por isso, por mais que a racionalidade grite o direito de um espaço em nós, os efeitos patéticos do discurso permitem ao orador amenizar ou intensificar a crença do dano possível que pode ser causado por algo ou alguém. Para quem tem medo, por exemplo, sombras na floresta são monstros, e a memória, no caso, ancorada em impressões subjetivas, instaura, pela propagação do discurso, uma verdade que nos impele a vivenciar a falácia da causa comum: dois acontecimentos são tomados como causa um do outro e não se leva em conta que ambos são causados por um terceiro. Alguns, mais frágeis, se estiverem em um cenário propício, podem desmaiar diante dessa impressão falaciosa, pois o medo, de algum modo, é o pai da invenção. Conta, para seu agir criativo, com a potencialidade grandiosa da mente humana, capaz de vivenciar experiências singulares em que a intensidade do medo é realçada pelo histórico de vida de cada um. Diante do “sangue” de amora, da sombra fantasmagórica nas árvores de uma floresta, as ideias de causa, consequência, fato, verdade e verossimilhança oscilam momentaneamente e revelam metáforas do existir, normalmente traduzidas em excentricidades singularmente humanas, todas moldadas pelo medo que vem de fora para dentro e arquitetadas na *inventio* e na *dispositio* de modo a funcionar eficazmente como arma persuasiva.

O Medo como Argumento

Valemo-nos, a priori, de um conceito operacional de discurso do medo: aquele que se infiltra histórica, política, cultural e socialmente nos meios de comunicação humana para exacerbar o temor. Evidentemente, no plano retórico, essa infiltração, se bem articulada, é sempre capaz de gerar alterações profundas no seio social, pois, preservado por sua natureza terrificante, dissemina-se, como produto elaborado no seio do discurso, do exterior para o interior do homem e, de modo recíproco, mas não simétrico, do interior para o exterior. É possível reconhecê-lo quando ocupa um vazio retórico e o preenche com argumentos de qualquer espécie. Essa concepção de medo, que intenta abolir o tempo da consciência, atua, sobretudo, no fluir do próprio tempo e quase sempre se mostra como uma afecção capaz de mudar o destino. É, enfim, a princípio, um fenômeno que, revestido pela palavra, abala poderes, saberes e até deveres. Nessa linha de raciocínio, existe um orador que, numa dialética passional, desassossega com tonalidades marcantes um auditório e semeia, de modo inevitável, o temor nos discursos sociais.

Quando assim é, o medo predomina no *pathos*, nos efeitos de sentido, uma vez que as infiltrações do temor no discurso se dão quando, no ambiente

de crenças, probabilidades aterrorizadoras funcionam como mola para o agir ou para o não agir por paralisia, sempre em consonância com o objetivo persuasivo. O medo discursivo cria um problema tão real que atua nos escaninhos da mente. Basta espalhar, pelo discurso, que há no outro – a partir do desenvolvimento de um tema previamente equacionado na *inventio* – uma grave ameaça que ocorrerá brevemente para que o *pathos*, produto final de qualquer discurso retórico, assumam-se exclusivamente como competência do auditório.

A Coragem como Argumento

Consideremos que a afetividade condiciona nossas ações e reações na interação com o outro e que todo discurso se constrói em torno de um tema que é problematizado e gera questões fundamentais e secundárias. Fundamentalmente, na problematização do discurso residem as paixões e, dentre elas, o temor e a confiança. Como afirma Chauí (1987), dos gregos ao Renascimento, a virtude é oposta ao medo e à coragem. De fato, já em *Ética a Nicômaco* (ARISTÓTELES, II, 7, 30, 1979), Aristóteles ressalta que, com respeito ao medo e à autoconfiança, a mediania é a coragem. Quando, porém, a autoconfiança é exagerada, causa temor. O medo imoderado, por sua vez, caracteriza a covardia. O equilíbrio, então, estaria na moderação.

Oradores conscientes de seus propósitos exercitam-se na arte do discurso para animar corajosos e medrosos por meio da utilização de lugares comuns como provas que se amplificam pelo conteúdo e expressão retóricos. É sempre possível valer-se da comparação, da definição, da criação de finalidades, de figuras expressivas como a hipérbole e a metáfora para evidenciar argumentos ligados à qualidade e à quantidade (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996). Alguns lugares dialéticos, quando bem empregados no discurso, alicerçam o medo, infundem confiança e semeiam a coragem em vários níveis. O auditório se impressiona mais ou menos quando o temor ou a confiança são explorados em temas ligados à família, ao comportamento sexual ou social, à aparência pessoal, à pátria, à saúde ou ao dinheiro.

Por isso, há discursos que pretendem implantar a cultura do medo para garantir a segurança de outros, assim como há aqueles que valorizam a coragem para disseminar o ódio, os vícios e os preconceitos. Às vezes, sob o signo da sensatez, atos retóricos proclamam a glória, a fama, a honra e a riqueza como molas para ações corajosas. Determina-se, assim, pelo discurso, a potência do agir humano pelo fortalecimento ou enfraquecimento das paixões no auditório.

Se as paixões, de modo geral, ligam-se à alegria e à tristeza humanas, discursos que enfatizam a liberdade de ser e de estar no mundo potencializam a coragem

como paixão eufórica. Ato retóricos outros, porém, envolvem meticulosa urdidura de ideias imaginativas, que se ligam a causalidades abstratas, para desarticular a razão e provocar, artificialmente, o medo. Os discursos institucionais e midiáticos exemplificam bem essa prática retórica.

Argumento, Medo e Coragem nas Instituições

Às vezes, não sentimos perfeitamente bem a intensidade do medo transmitido porque esse fenômeno se apresenta em forma de leis, dogmas e regras. Boa parte das pessoas teme, em diferentes intensidades, discursos que afirmam algo como: “Por decisão do Judiciário, por determinação legal; por mandamento da Igreja, por consenso familiar.”.

O vigor do medo, como efeito patético, pode variar em cada um e em todos. Os discursos institucionais apagam os sujeitos discursivos, acendem no auditório a medida do razoável e, sob a capa do racional, asseguram o discurso naturalmente autoritário e conservador das instituições. Ressalte-se que os discursos institucionais possuem uma capa de naturalidade já que, por princípio, as organizações sociais são, na essência, impositivas e os representantes das instituições têm discurso autorizado. Nesse caso, o medo parece tênue e se esconde sob a capa de várias atitudes que, em seu interior, embora recebam outros nomes, escondem no auditório o receio de transgredir os discursos das autoridades: atenção, bom senso, cautela, cuidado, discernimento, ponderação, precaução, previdência, razoabilidade, segurança, sensatez, tato, equilíbrio e tantos outros termos controladores são comuns nesses atos retóricos. Leis, dogmas e regulamentos são meios controladores de comportamento social, uma vez que partem das instituições criadas justamente para proteger os homens dos próprios homens. Assim, o auditório, diante do poder institucional, autoritário e ameaçador, encontra-se sob a mira de armas discursivas que antecipam sanções próximas e nada cômodas. O desrespeito às regras, por sua vez, representaria uma atitude de coragem (grosso modo, o avesso do medo), talvez de indignação, mas sobretudo de falta de prudência ou de cautela. Os obedientes, então, temem as sanções institucionais e os desatinados provocam medo por sua bravura.

Em resumo, as instituições são mesmo imperativas e, por isso, em menor ou maior grau, disseminam, por meio de seus representantes, detentores de discurso autorizado oficialmente por meio de diploma ou voto, uma modalidade de medo admitido como necessário para a manutenção da concórdia social. Sob o signo desse medo já enraizado nas sociedades, há apenas uma aparente liberdade de interpretação, ligada aos caminhos do preferível, das hierarquias

e dos valores que nortearam esta ou aquela decisão final sobre um tópico já discutido previamente no interior das próprias instituições e disseminado, a partir dos interstícios organizacionais, para um auditório real como valor de verdade apodítica.

O Medo que Vem da Mídia

No universo do *pathos*, é sensível que, em tempos de Internet e de redes sociais, o apelo emocional funcione como um estopim tão ou mais poderoso do que a lógica e a demonstração. Um discurso, velozmente difundido pela Internet, pelos meios de comunicação digitais, pode promover a calma ou insuflar a cólera; pode promover o amor ou despertar o ódio; pode ressaltar a vergonha, mas alimentar a impudência. Enfim, todas essas paixões, assim como a inveja, a emulação, a compaixão, a indignação são consagradas, em diferentes proporções, a partir de gatilhos retóricos que disseminam, rápida e incontrolavelmente, inumeráveis gêneros discursivos no emaranhado da comunicação de nossos dias. Identificar-se, presentemente, é, sobretudo, produto de força argumentativa. O medo é parte integrante desse universo.

Postagens verbais e não verbais compõem um repertório de técnicas e recursos retóricos, que, precipuamente, pretendem mover a vontade do outro pela hábil manipulação dos recursos expressivos da linguagem. Por sob a política difusa de divulgação de qualquer fato, ideia, evento de pensamento, oradores, conhecidos ou não, reconhecidos ou não, lançam vieses interpretativos sob a capa da notícia, blindam teses contrárias, destilam boa dose de ironia para imobilizar os argumentos desvantajosos, valem-se de todas as classificações do humor e do ódio, embalados em exemplos extremados, para impressionar o auditório quando há ou não um enfrentamento dialético explícito. Desse modo, os recursos midiáticos contemporâneos fazem ecoar uma ideia, um argumento, um ponto de vista que convence ou persuade, agrega, desagrega ou, até, manipula nervosamente os menos atentos às artimanhas do discurso. Hoje, a notícia é veloz.

Assim, a despeito do aspecto racional que move a criação e produção de notícias, uma dimensão patética, explícita ou disfarçada, a acompanha na tessitura do relato e insufla os ânimos. Há, pois, uma efervescência retórica que impulsiona o sentir em sociedade. A dinâmica avassaladora da expressão midiática, por sua vez, provoca um fenômeno muito contemporâneo, denominado interatividade: não basta conhecer e sentir, é preciso assumir um processo de autoria e expressar um fato, cada um à sua maneira, para outras pessoas, que, da mesma forma, transmitirão a outras e, ao final da cadeia

comunicativa, o volume de divulgação assegurará a um fato, que procurava na origem transmitir o apenas crível, uma categoria outra, espetacularizada.

A Internet é o maior veículo de disseminação da *doxa*. O auditório contemporâneo, tão logo recebe uma informação que julga interessante, se transforma em orador no turno seguinte. Insuflada por um vento midiático, que a tudo reveste com uma capa discursiva emocionada, as paixões são excitadas e provocam opiniões que, por sua vez, se alastram na mesma velocidade. Por meio de um conglomerado de atos retóricos, as telas de computadores e qualquer outro meio digital dramatizam os acontecimentos e, desse modo, oradores de todos os tipos e auditórios cada vez mais amplos se veem, interativamente, envolvidos num processo de persuasão generalizado numa retórica efervescentemente líquida.

A constituição do verossímil é a mola para acirrar os ânimos. A visão da realidade, em seus diversos prismas de interpretação, é aquilatada não como uma verdade positiva ou realista dada, constatada, mas pela forma como se constrói discursivamente essa mesma realidade no jogo oscilante de discursos que promulgam e asseguram, por meio de estratégias retóricas, os efeitos de verdade. De um lado, há o jornalismo profissional, que tem compromisso com a veridicção e, por isso, acentua o processo de averiguação de um acontecimento do mundo. Bons jornalistas sabem que a mola aglutinadora da sociedade e das instituições é a confiança. De outro lado, muitas outras vozes, sem necessariamente apresentar um distanciamento objetivo, maximizam ou minimizam um mesmo evento e o criticam em sites, blogs, tuítes ao sabor de suas convicções interiores. Elogiar, depreciar, dar relevância ou escolher um aspecto parcial de uma notícia para exaltar interesses é um exercício muito comum na Internet. Criam-se amigos e inimigos instantaneamente e nem sempre com argumentos pertinentes.

Considerações Finais

As paixões mortificam ou alegram o homem, às vezes o desnudam no meio social, se as considerarmos como o outro da razão, como exagero de uma inclinação que se instala no ser humano à revelia da racionalidade, da experiência cognitiva. Para os gregos, porém, as paixões se inserem num complexo de noções ligadas à *polis*, às condutas em espaços públicos e são, por isso, possíveis de serem virtuosamente controladas. Sob qualquer concepção, as paixões estão, convivem e alimentam o caminhar humano para alterar ou regular comportamentos.

As mesmas paixões que enlouquecem o ânimo e extraviam a alma pela desarticulação da ponderação, quando se transmutam em discursos, podem acentuar as virtudes e os vícios, deixam-se capturar pela força retórica, e oradores e oradores, conscientes da força da palavra emocionada, sempre tentarão

imprimir suas “verdades” a auditórios e auditórios igualmente emocionados por meio de inúmeras estratégias argumentativas. Reside aí o grande mérito da retórica: exige que se coloque em xeque a pretensão de verdades absolutas, ainda que isso nos cause muito medo ou, mais raramente, nos encha de coragem.

.....

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural/Atlas, 1979.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. (Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento; v. 1).
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. Sobre o medo. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 35-76.
- FERREIRA, Luiz Antonio. Contornos retóricos do medo. *In*: MAGALHÃES, Ana Lúcia; FERREIRA, Luiz Antonio (orgs.). **A retórica do medo**. Franca: Cristal/Grupo ERA, 2012. p. 9-26.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. *In*: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução Jayme Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 81-171.
- GIDDENS, Anthony. **The constitution of society**: outline of the theory of structuration. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1984.
- MEYER, Michel. As bases da retórica. *In*: CARRILHO, Manuel Maria (org.). **Retórica e comunicação**. Tradução Fernando Martinho. Porto, Portugal: Edições ASA, 1994, p. 31-70.
- MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões (Prefácio). *In*: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVI-L1.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.